

EDITORIAL

Enio Paulo Giachini

O artigo do Prof. César R. Cezar, *Liberdade e realismo moral em João Duns Scotus*, aborda a questão da contingência dos atos de vontade humanos e a contingência dos atos de vontade de Deus em relação ao mundo criado. Isto levou alguns intérpretes à conclusão de que para ele as leis morais seriam arbitrariamente ditadas por Deus. Em seu artigo, então, o autor busca explicar em que sentido as leis morais são objetivamente válidas e ancoradas na própria realidade do mundo criado.

O artigo do professor Emmanuel C. de Leão trata do pensamento na filosofia, da crença, fé e teoria, que provêm e agem no viver grande da Vida, durante a biografia e história dos homens. Crença é vidência, a vidência das possibilidades passadas; a fé é providência, providência das possibilidades futuras e a teoria é a providência, a providência das possibilidades presentes, todas, porém, são vigentes na unidade de ser e realizar-se da vida de cada dia. A filosofia não é teoria ou disciplina, não é teoria do conhecimento e nem ideologia. A filosofia é uma experiência da vida no pensamento, uma entre outras, como a arte, a música, a poesia etc.

O estudo do Prof. emérito Bernard Casper mostra de que modo se inicia o pensamento do jovem Heidegger sobre um racionalismo pré-crítico, no qual está preso o estudo da teologia católica no começo do século XX. A crítica do jovem Heidegger, cujo questionamento filosófico era marcado desde o começo pela busca de um pensamento enraizado numa vida vivida de fato, e que se compreendia metodologicamente ligado à filosofia de Husserl enquanto uma “ciência das origens”, volta-se especialmente contra uma compreensão de Deus que pensa ter concebido a Deus como *ens causa sui*, no sentido de uma cientificidade cartesiana fechada.

O belo texto de Chûmaru Koyama faz uma aproximação da Idade Média europeia da Idade Média japonesa, sublinhando diferenças e semelhanças, tanto no que diz respeito a datas quanto a interesses. Ressalta-se o equívoco de qualificar esse período como era das trevas, mostrando contrariamente que a fonte onde se alimentam as raízes da modernidade e do próprio nascimento da Europa remontam à Idade Média ocidental. A Europa tem raízes próprias, independentes da cultura clássica romana e grega, que precisam ainda ser descobertas. Explora-se a evolução cultura dessa época, sua conquista de autonomia e a influência na evolução ocidental. Por fim, analisam-se os dois focos principais do interesse da Idade Média: fé e razão, teologia e filosofia.

No artigo, *Filosofia, retórica e arte da pregação: um estudo sobre São Boaventura e a “ars concionandi”*, Marcos A. Fernandes apresenta um estudo sobre filosofia, retórica e arte da pregação em São Boaventura. Primeiramente, apresenta a concepção boaventuriana de conhecimento filosófico e de sua referência à verdade natural; expõe a tripartição da filosofia em filosofia natural, filosofia racional e filosofia moral e determina o lugar da retórica no interior da filosofia racional, junto com as duas outras artes do *Trivium*: a gramática e a lógica ou dialética. Em segundo lugar, aborda o saber da Sagrada Escritura e do seu tríplice lume, indicado pelos seus três sentidos espirituais: o alegórico, o tropológico ou moral e o anagógico, bem como da especificidade do modo de o pregador lidar com a Bíblia. Em terceiro lugar, trata da subsunção da filosofia na arte da pregação. A filosofia racional é subsumida como saber que dá a forma gramatical, lógica e retórica ao discurso. A filosofia natural e a filosofia moral são subsumidas no tocante ao conteúdo da pregação. Tenta-se confrontar as indicações da “*Ars Concionandi*” e a prática de São Boaventura encontrada em seus sermões.

Tratando das bases do pensamento eckhartiano, o texto do Prof. Renato Kirchner e de Antonio C. R. Silva aborda o campo medieval como um lugar onde se buscava única e exclusivamente a salvação. Os caminhos para se chegar à salvação deveriam ser seguidos sob

perfeição. Para Eckhart, que é focado pelo texto, o amor é voltado para aquilo que gera consolação total, que é o próprio Deus. Caso se volte o amor para algo passageiro, como os bens materiais, encontra-se o desconsolo. Assim, todos os pensamentos de como seguir a vida se resumem em um processo contínuo de santificação, no qual se pensa primeiramente no estilo de vida que conduz à salvação.

Trazemos, por fim, a tradução de um texto de Mestre Eckhart, pouco conhecido em língua portuguesa, tirado do comentário ao livro do Gênesis, de suas obras latinas. Temos ali uma amostra de como os medievais, e sobretudo a vertente mística, lia, abordava e *inteligia* as Sagradas Escrituras. Lançando mão de todo o aparato do pensamento antigo, procuravam ver o que usualmente não se vê na escritura, a presença de um Deus vivo e absolutamente próximo ao humano.